

# Organização do Espiritismo

Allan Kardec

**O**s adeptos do Espiritismo se surpreendem com seu número; e como a similitude de idéias inspira o desejo de aproximação, procuram reunir-se e fundar sociedades. Assim, de toda parte nos pedem instruções a propósito... É, pois, chegado o momento de nos ocuparmos do que se pode chamar a **organização do Espiritismo**. Sobre a formação das sociedades espíritas, *O Livro dos Médiuns* contém observações importantes, às quais remetemos os interessados, pedindo-lhes meditem com cuidado. Diariamente a experiência vem lhes confirmar a justeza, que lembraremos de modo sucinto, acrescentando instruções mais circunstanciadas.

## **O que fazer na ausência de médiuns e de coparticipantes do Espiritismo?**

A princípio podem trabalhar por conta própria, penetrar-se da Doutrina pela leitura e meditação das Obras Básicas; quanto mais se aprofundarem, mais verdades consoladoras descobrirão, confirmadas pela razão.

Em virtude de sua posição, tem uma bela e importante missão a cumprir: espalhar a luz em seu redor. Os que aceitarem essa missão e não se deixarem deter pelas dificuldades, serão recompensados pelo sucesso e pela satisfação de terem feito uma coisa útil. Sem dúvida encontrarão oposição; serão motivo de sarcasmos e da malevolência. Mas onde estaria o mérito se não houvessem obstáculos a vencer?... Mas aos que têm a coragem de sua opinião, que estão acima das mesquinhas considerações mundanas, diremos que o que tem a fazer se limita a falar abertamente do Espiritismo, sem afetação, como de uma coisa muito simples e natural,

sem buscar nem forçar convicções, nem fazer prosélitos a todo custo. O Espiritismo não deve ser imposto: vem-se a ele porque dele se necessita, e porque ele dá o que não dão as outras filosofias.

## **Organização do Espiritismo**

O aumento incessante dos adeptos demonstra a impossibilidade material de construir numa cidade, sobretudo numa populosa, uma sociedade única. Além do número, há a dificuldade das distâncias, que é obstáculo para muitos... É necessário, pois, multiplicar os grupos... vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propaganda que uma sociedade única de quatrocentos membros. Os grupos se formam naturalmente, pela afinidade de gostos, de sentimentos, de hábitos.

## **Multiplicação dos Grupos**

As sociedades propriamente ditas estão sujeitas a numerosas vicissitudes. Mil e uma causas, dependentes ou não de sua vontade, podem conduzir à dissolução. Suponhamos que uma sociedade espírita tenha reunido todos os adeptos de uma mesma cidade e que, por uma circunstância qualquer, cesse de existir. Eis os membros dispersos e desorientados. Agora, se em vez disto, houver cinquenta grupos, se alguns desaparecem, sempre restarão outros, e outros se formarão.

## **Uniformidade na Doutrina**

Admitida, em princípio, a formação dos grupos, resta o exame de várias questões importantes. A primeira é a uniformidade na Doutrina... Quer a sociedade seja una, ou fracionada, a uniformidade será a

conseqüência natural da unidade de base, que os grupos adotarem. Ela será completa em todos os que seguirem a linha traçada por *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Um contém os princípios da filosofia e da ciência; o outro, as regras da parte experimental e prática. Essas obras estão escritas com bastante clareza para não dar lugar a interpretações divergentes.

## **Homogeneidade dos Grupos**

O segundo ponto é a constituição dos grupos. Uma das primeiras condições é a homogeneidade, sem a qual não haveria comunhão de pensamentos. Uma reunião nem pode ser estável, nem séria, se não houver simpatia entre os componentes. E não pode haver simpatia entre pessoas que tem idéias divergentes e fazem uma oposição surda, quando não aberta... cada um pode e deve emitir sua opinião; mas há pessoas que discutem para impor a sua e não para esclarecer.

## **Os Verdadeiros Espíritas**

Em *O Livro dos Médiuns* traçamos o caráter das principais variedades de Espíritas.

Podem pôr-se em primeira linha os que acreditam pura e simplesmente nas manifestações. Para eles o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; a filosofia e a moral são acessórios de que pouco se ocupam e cujo alcance não os preocupa. Chamamo-los **Espíritas Experimentadores**.

Vêm a seguir os que vêm no Espiritismo algo além dos fatos. Compreendem o seu alcance filosófico, admiram a moral dele decorrente, mas não a praticam... A influência

sobre o seu caráter é insignificante ou nula; nada mudam em seus hábitos e não se privam de nenhum prazer: o avarento é sempre sovina, o orgulhoso sempre cheio de si, o invejoso e o ciumento sempre hostis; para eles a caridade cristã é apenas uma bela máxima e os bens deste mundo os arrastam na sua estima sobre os do futuro. São os **Espíritas Imperfeitos**.

Ao lado destes há outros, mais numerosos do que se pensa, que não se limitam a admirar a moral espírita, mas a praticam e a aceitam em todas as suas conseqüências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar estes curtos instantes para avançar na via do progresso, esforçando-se por fazer o bem e reprimir suas más inclinações; suas relações são sempre seguras, porque a convicção os afasta de todo mau pensamento. Em tudo a caridade é sua regra de conduta. São os **Verdadeiros Espíritas**, ou melhor, os **Espíritas Cristãos**.

### **Reforma Íntima**

Daí se segue que, na formação de grupos, deva exigir-se a perfeição? Seria simplesmente absurdo, pois seria querer o impossível... Tendo por objetivo a melhora dos homens, o Espiritismo não vem procurar os perfeitos, mas os que se esforçam por sê-lo, pondo em prática os ensinamentos dos Espíritos. O verdadeiro Espírita não é o que alcançou a meta, mas o que seriamente quer atingi-la. Sejam quais forem os seus antecedentes, será bom espírita desde que reconheça suas imperfeições e seja sincero e perseverante no propósito de se emendar. Para ele o Espiritismo é a verdadeira regeneração, porque rompe com o passado; indulgente para com os outros, como queria que fossem para consigo, de sua boca não sairá nenhuma palavra malévolamente contra ninguém.

### **Regimento Interno**

Aquele que tem a intenção de organizar um grupo em boas condições deve, antes de tudo, assegurar-se do concurso de alguns adeptos

sinceros, que levam a Doutrina a sério e cujo caráter conciliatório e benevolente seja conhecido. Formado esse núcleo, ainda que de três ou quatro pessoas, estabelecer-se-ão regras precisas, quer para as admissões, quer para a realização de sessões e para a ordem dos trabalhos, regras às quais os recém-vindos terão que se conformar. Essas regras podem sofrer modificações conforme as circunstâncias; mas umas há que são essenciais.

### **Unidade de Princípios**

Sendo a unidade de princípios um dos pontos essenciais, ela não pode existir naqueles que, não tendo estudado, não podem ter opinião formada. A primeira condição a impor, se se não quiser ser distraído, a cada instante, por objeções ou perguntas ociosas é, então, o estudo prévio. A segunda é uma profissão de fé categórica e uma adesão formal à doutrina de *O Livro dos Espíritos*, além de outras condições especiais, julgadas a propósito. Isto quanto aos membros titulares e dirigentes. Para os que buscam adquirir um pouco mais de conhecimento e convicção, pode ser-se menos rigoroso.

### **Disciplina e Estudo em Grupo**

A ordem e a regularidade dos trabalhos são igualmente essenciais. Consideramos eminentemente útil a leitura de algumas passagens de *O Livro dos Médiuns* e de *O Livro dos Espíritos*. Por esse meio teremos sempre presentes à memória os princípios da ciência e os meios de evitar os escolhos encontrados a cada passo na prática. Assim, a atenção se fixará sobre muitos pontos que, por vezes, escapam numa leitura particular e poderão ocasionar comentários e discussões instrutivas.

### **União das Sociedades Espíritas**

É incontestável que um grupo formado nas condições indicadas funcionará com regularidade, sem entraves e de maneira frutuosa. O que um grupo pode fazer, outros também o podem. Suponhamos, então, numa cidade, um número qualquer de grupos constituídos nas mes-

mas bases; haverá necessariamente entre eles unidade de princípios, pois seguem a mesma bandeira; união simpática, pois sua máxima é amor e caridade; numa palavra, são os membros de uma mesma família, entre os quais nem haveria concorrência, nem rivalidade de amor-próprio, desde que todos animados dos mesmos sentimentos para o bem.

Contudo, seria útil que houvesse entre eles um ponto de ligação, um centro de ação... Um grupo central, formado de delegados de todos os grupos, tomaria o nome de grupo diretor. Na impossibilidade de nos correspondermos com todos, com este teríamos relações mais diretas.

O que é possível entre os grupos de uma mesma cidade, também o é entre os grupos diretores de diversas cidades, desde quando entre eles haja comunidade de vistas e de sentimentos.

Como se vê, tudo isto é de execução muito simples; mas tudo depende do ponto de partida, isto é, da composição dos grupos primitivos. Se formados de bons elementos, serão outras tantas boas raízes que darão bons renovos. Se, ao contrário, forem formados de elementos heterogêneos e antipáticos, de Espíritas duvidosos, mais ocupados com a forma do que com o fundo, que consideram a moral como parte acessória e secundária, há que esperar polêmicas irritantes e sem saída, pretensões pessoais, embates de suscetibilidades e, em conseqüência, conflitos precursores da desorganização. Entre verdadeiros Espíritas, tais quais os definidos, que veem o objetivo essencial do Espiritismo na moral, que é a mesma para todos, haverá sempre abnegação da personalidade, condescendência e benevolência e, por conseguinte, segurança e estabilidade nas relações.



Adaptado do artigo:

Organização do Espiritismo - Allan Kardec - *Revista Espírita* - Dezembro de 1861, pg. 386 à 400 - Editora Cultural Espírita.